



## O QUE PODE UM CORPO *DRAG QUEEN*? SENTIDOS OUTROS PARA A PESQUISA DE QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO

**José Diêgo Leite Santana**

*Doutorando em Educação e Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: dijo.santana@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4945-6354>.*

**Mário de Faria Carvalho**

*Professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Sciences Sociales pela Université René Descartes – Paris V. E-mail: mariofariacarvalho@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7071-2586>.*

**Resumo:** Não se cria um corpo *drag queen* sem intencionalidade e sem uma epistemologia. O trajeto metodológico da criação desse corpo parte de uma inquietação, que se desdobra no intuir e sentir. A montaria do corpo *drag queen* produz um novo sentido de estar no mundo. Assim também o faz a pesquisa de questões de gênero na educação, que rompe com paradigmas cartesianos, apresentando possibilidades outras de fazer ciência e de conceber as pessoas. É objetivo geral desta pesquisa analisar as principais convergências epistemológicas e metodológicas que emergem da montaria do corpo *drag queen* e a pesquisa de questões de gênero, na educação. Metodologicamente, trata-se de uma revisão de literatura, com fins exploratório e explicativo. A análise das convergências entre a montaria do corpo *drag queen* e da pesquisa de questões de gênero, na educação, aponta para a necessidade de construções metodológico-epistêmicas que transgridam o senso cartesiano e a racionalidade positivista.

**Palavras-chave:** Corpo. Epistemologia. Gênero. Educação.

### WHAT CAN A QUEEN DRAG BODY? OTHER DIRECTIONS FOR THE RESEARCH OF GENDER ISSUES IN EDUCATION

**Abstract:** One does not create a drag queen body without intentionality and without an epistemology. The methodological path of the creation of this body starts from a restlessness, which unfolds in intuition and feeling. The drag queen body mount produces a new sense of being in the world. So does the research of gender issues in education, which breaks with Cartesian paradigms, presenting other possibilities of doing science and conceiving people. It is the general objective of this research to analyze the main epistemological and methodological

convergences that emerge from the drag queen body and the research of gender issues in education. Methodologically, this is a literature review, with exploratory and explanatory purposes. The analysis of the convergences between the drag queen body and the research of gender issues, in education, points to the necessity of methodological-epistemic constructions that transgress the Cartesian sense and the positivist rationality.

**Keywords:** Body. Epistemology. Genre. Education.

## Introdução

A montaria do corpo *drag queen* é um fenômeno discursivo, político, educativo e transgressivo. Na medida em que se assenta numa epistemologia subversiva, esse corpo reflete o seu pensar através de um intuir e sentir, próprios de corpo sensível que produz conhecimento de mundo e de vida. Ele não é criado aleatoriamente: tem inquietação, intenção, metodologia e aporte teórico. Ao ser criado, transita nas fronteiras anunciando desnaturalizações e denunciando narrativas opressoras. Nas fronteiras, esse corpo é sempre interdisciplinar, complexo e nunca acabado, de modo que pensar a montaria desse corpo é um exercício do pensar a pesquisa de questões de gênero na educação.

O que é a pesquisa? Poeticamente, pesquisa é aventura, é fascínio pelas descobertas, é aliança entre o antigo e o novo – nunca antagônico, mas antes processos do cotidiano. Poderia até dizer, em sentido lacaniano, que pesquisa é o furo no Real, é passagem pelo Simbólico e construção do Imaginário. Pesquisa é disposição de conhecer o mundo a partir de problemas estruturados com coerência e coesão. Da pesquisa podemos dizer que é mesmo uma ação humana por excelência, pois envolve competências das mais variadas e que tem como ponto de partida e de chegada a temporalidade, a limitação e as circunstâncias das verdades.

Dito isso, visamos à pesquisa de questões de gênero na educação. Nesse campo, a investigação científica torna-se ato e potência; é ato político, cultural, histórico, é potência que norteia o cotidiano. A pesquisa de questões de gênero na educação envolve compromisso estético, técnico, teórico, político e filosófico. Refletir sobre questões de gênero na educação é saber que narrativas serão construídas e influenciarão a cotidianidade. Essa responsabilidade requer pensar caminhos que possam conduzir de forma crítica o pesquisador, lembrando-o sempre de seu compromisso.

Como questão norteadora, o presente estudo apresenta: quais as principais convergências epistemológicas e metodológicas que emergem da montaria do corpo *drag queen* e a pesquisa de questões de gênero na educação na perspectiva da Sociologia Compreensiva?

O objetivo geral é discutir as principais convergências epistemológicas e metodológicas que se encontram entre a montaria do corpo *drag queen* e a pesquisa de questões de gênero na

educação na perspectiva da Sociologia Compreensiva. Os objetivos específicos consistem em refletir os sentidos da montaria do corpo *drag queen* e cogitar outros aportes à pesquisa de questões de gênero na educação.

A construção metodológica escolhida consistiu em uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório e explicativo. Realizou-se um estudo sobre a convergência entre a construção do corpo *drag queen* e a pesquisa de questões de gênero na educação, na perspectiva da Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli.

Essa convergência – epistemológica e metodológica – sustenta que, assim como a intencionalidade histórica, provisória, cultural, política e estética que materializa o corpo *drag queen*, a pesquisa de questões de gênero na educação pretende ser essa narrativa histórica, porquanto marcada em um tempo e espaço; provisória porque nunca definitiva e acabada; cultural, em que pese a reinvenção do cotidiano, dos sentidos e significados; política, enquanto posicionamento dentro das relações de poder; e estética porque dá forma e aparência ao fenômeno educativo. Partindo da condição do sentir e intuir, que são exercícios do pensar, a montaria *drag queen* e a pesquisa de questões de gênero na educação necessitam sempre de uma metodologia e epistemologia condizentes com as problematizações lançadas no campo da pesquisa.

### **Da transgressão epistemológica na montaria do corpo *drag queen* ou sobre fronteiras metodológicas**

De onde começar a escrever sobre *drag queens*, sem se deixar levar pela grotesca empáfia de narrar a história dos outros com a condição de encerrá-la em si mesma? Ora, escrever é ato criativo de inserir história nos corpos ou de nas palavras inserir corpos que se inscrevem na história; é movimento instituinte de libertação. Quando narro, eu escrevo, eu crio, eu constituo mundos. Por isso mesmo parece que se deve iniciar pelo início. Sim, o início de tudo: o sentir. Valemo-nos das palavras de Fernando Pessoa (1989, p. 302) quando diz: “Porque as coisas são como nós as sentimos — há quanto tempo sabes tu isto sem os saberes? — e o único modo de haver coisas novas, de sentir coisas novas é haver novidade no senti-las”. O poeta pondera das formas como sentimos as coisas, chegando mesmo a invocar e evocar o saber que intui as coisas.

A intuição que aqui se fala é aquela pensada por Deleuze: não se intui a partir do nada. É necessário se pensar a partir de uma revelação, uma ideia pungente e explícita; é um trabalho do pensamento que, refletindo a diversidade de conceitos, inclui novos conceitos (GALLO, 2003). De modo que a intuição é movimento do pensamento, como afirma Badiou (1997, p. 48):

É por isso que a intuição deleuziana não é um golpe de vista da alma, mas um percurso atlético do pensamento; ela não é um átomo mental, mas uma multiplicidade aberta; não é um movimento unilateral (uma luz dirigida para a coisa), mas uma construção complexa, que Deleuze chama frequentemente de “um reencadeamento perpétuo”.

Este saber é manifesto no retorno do novo e na medida como as coisas são conhecidas pelo que sentimos. Dito isto como o início da aventura narrativa e do exercício livre – porém rigoroso – do escrever, sobre o corpo *drag queen*, pode-se perguntar o que ele sente para se constituir como tal? Que há nesse que se manifesta no seu devir e no seu existir? Que saber possui tal corpo na construção de sua história, de seu ato político, pedagógico e cultural? Esse corpo é fabricado pela inquietação, pela (trans)forma, pelo sentir! É tensão que se manifesta como subversão. Silva (2015, p. 16) alerta que “sujeitos que provocam tensionamentos, apontam para outros caminhos possíveis de vida”. As tensões subjazem a normalidade, as convenções e o atravessar os limites, as fronteiras do estabelecido. Note-se que os limites e as fronteiras não são estabelecidos pelo sujeito, mas sim pelos outros que tentam e forçam o ser dentro de categorias fixas, imutáveis. O sentir *drag queen* é grito que reivindica a forma, a aparência, a viagem na/pela vida. Da viagem, Louro (2004, p. 15) mostra:

A viagem transforma o corpo, o “caráter”, a identidade, o modo de ser e de estar... Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, a aquisição de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. As mudanças das viagens podem afetar os corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele).

É na viagem que o corpo *drag queen* se materializa. E novamente retorna a questão: o que sente esse corpo para que ele seja levado a tantas viagens? Esse corpo é ao mesmo tempo homem e mulher; dele também se pode dizer nem homem e nem mulher. É corpo repleto de sensações e reinvenções do cotidiano. É corpo mesmo estranho, potência política que afirma no agora a opressão e sujeição que forjam e submetem os corpos. A viagem provocada por tal corpo é a reinvenção de si mesmo, a partir do lugar da não-fala. É a ruptura com o estabelecido a fim de contrariá-lo, de perturbar a ordem opressora. Noutras palavras,

Aquele armário que você queria me manter escondido não me prende mais! Sou viado mesmo! Sapatão! Travéco! Vou dar pinta, vou bater cabelo, tá meu bem? Meu nome, vou inventar um pra mim! Me chamo como eu quiser! Sou bicha louca, afeminada! Meu desejo é outro! Não vou viver mais escondido! Seu insulto me deixa poderosaaa! (SILVA, 2015, p. 16-17).

O lugar da não-fala torna-se o devir da fala e da reinvenção do corpo *drag queen*. É a própria encarnação da epistemologia do armário ou mesmo ruptura apocalíptica (SEDGWICK, 2007). A construção desse corpo é denúncia do cotidiano heteronormativo e da cultura patriarcal que engendra corpos, gêneros e sexo como instâncias cartográficas onde se exerce poder sobre o Outro. Pode-se dizer que essa construção é algo Entre: entre o sagrado e o profano, entre o culto e o popular, entre a forma e a essência, entre o masculino e o feminino, entre o legal e o ilegal. É o paradoxo do cotidiano desvelado em nuances de roupas, maquiagem, perucas, acessórios e performatividade. Em virtude disso, o sujeito que se apresenta no corpo *drag queen* é contraditório – não porque se afirma e se nega, antes porque é marcado pelas normas e por elas mesmas transcendente – ao se apresentar como fora da racionalidade do sujeito contemporâneo dito racional (SILVA, 2015).

Sendo contraditório – e agora mesmo subversivo –, o caráter territorializado desse corpo diz de sua potência, dos seus afetos e de suas histórias. A capacidade de experimentar e fabricar o novo por meio do sentir é própria desta cartografia subversiva. Que pode o corpo *drag queen*? O corpo carrega mil corpos, metaforicamente provocando. Nas palavras de Le Breton (2003, p. 31):

O próprio sujeito é o mestre-de-obras que decide a orientação de sua existência. A partir de então, o mundo é menos a herança incontestável da palavra dos mais velhos ou dos usos mais tradicionais do que um conjunto disponível à sua soberania pessoal mediante o respeito de certas regras. O extremo contemporâneo define um mundo em que a significação da existência é uma decisão própria do indivíduo e não mais uma evidência cultural.

Ao se montar, a *drag queen* fala de sua intenção política. Butler (2002) reitera que o caráter performativo da *drag queen* é a forma de contestar a degradação atribuída aos homossexuais, assim como ao corpo-mulher. A teatralização dos atos, a construção da nova persona, os truques e próteses temporárias são formas enunciativas e constitutivas de tal corpo. O disfarce é o ritual metamórfico mais substancial na construção política e cultural da *drag queen* (SANTOS, 2012).

A montaria da *drag queen* ao brincar com o gênero, o coloca como produção complexa e inacabada. Esse aspecto é importante na dimensão cultural e política da construção do seu corpo, pois há performances que rompem as fronteiras homem-masculino-heterossexual e mulher-feminino-heterossexual. Dito isto, percebe-se que há formas outras de sentir e sentir que não sejam pelo feminino e masculino, mulher e homem. Os gêneros podem ser somados, invertidos, cruzados e contraditos. O que seria mais sedutor: podem não produzir novos modos de vida (SILVA, 2015).

O disfarce do masculino na montaria *drag queen* é metáfora à materialidade dos corpos. Ao fabricar uma nova forma, novos valores culturais são inscritos e conectados ao gênero feminino; o corpo é meio que necessita de um sentido para ser transcrito. A dimensão indumentária reafirma a identidade dos gêneros, intencionalmente difusa na ficção e criações *drag*. A performance surge como desnaturalização das leis e coerências heterossexuais, dramatizando a fabricação do corpo (BUTLER, 2003).

Importante dizer que todo processo de montaria desse corpo é perpassado por uma pedagogia. Santos (2012, p. 95) adverte que a montaria requer “pedagogia corporal, elaborada na apropriação de elementos indumentários, físicos e gestuais que proporcionam a ilusão de se viver o sexo oposto”. Essa pedagogia é a própria hermenêutica e heurística sobre o mundo, o corpo e as relações de poder expressas na performatividade e performance *drag queen*.

É uma hermenêutica na qual a fabricação desse corpo expressa as concepções de vidas, os valores humanos, sociais e culturais, assim como sinaliza novas possibilidades de ser, se refazer e reinventar a vida. É heurística quando põe em discussão os padrões estabelecidos, as formas condicionadas, pré-fabricadas, normatizadas e as existências dentro das convenções sociais.

Pode-se dizer que a pedagogia da montaria *drag queen* é tanto um método quanto uma cartografia. Compreende maneiras novas de afetividade e subjetividade e se torna denúncia – ao mesmo tempo em que uma anunciação – de que a subjetividade é, por ela mesma, um movimento contínuo, nunca fixo e estável.

Acerca desse movimento, Guattari e Rolnik (2013) afirmam que a subjetividade não é recipiente. Ela não se presta a receber as “coisas” externas e vai sedimentando no interior dos sujeitos. Para o autor e a autora, essas “coisas”, que são as relações com o outro, os modos de amar, se vestir, pensar, sentir, expressar, escolher e tantas maneiras mais em que expressam a

singularidade do indivíduo, fazem um percurso inverso: são forjados no âmago do ser e comunicadas e expostas nas formas em que homem e mulher – e também, nem homem e nem mulher – ancoram suas existências e suas relações. Outrossim, a subjetividade é sempre passageira, dada a instabilidade dos mundos internos constituintes das realidades externas.

Rompendo com a ideia de uma subjetividade imutável, fixa e sempre pronta, a pedagogia da montaria *drag* forma um sujeito outro capaz mesmo de criar novas formas de relações, novas sensibilidades, novas afetividades, novas singularidades (SILVA, 2015). Perceba: essa pedagogia hermenêutica e heurística é possibilidade sempre do novo. É no novo, no futuro que se torna presente, na reinvenção da utopia (SANTOS, 2002). É próprio do corpo *drag queen* o encontro com o novo. Esse novo é permitido pela antropofagia:

*Drag queens* devoram todo o estereótipo de homens e mulheres e transformam seus corpos em algo que não está em nenhum dos pólos, não permanecem o mesmo e nem são iguais ao modelo. São formas efêmeras, que se transfiguram em outras nas montagens seguintes. Poderíamos falar, então, de uma “subjetividade antropofágica” (SILVA, 2015, p. 23).

Note que a antropofagia *drag* é a transmutação da forma. Pensamento semelhante seria: eu devoro aquele e aquela a quem admiro como maneira de transpassar a forma do meu corpo anterior, o ultraje, as humilhações experienciadas na carne trêmula, na negação da existência. Devorando, sou novo, sou nova. Devorando, crio novos mundos, novas formas, novas aparências. O que devora a *drag queen*? Ora, sobretudo, as opressões. Mas devoram na forma da arte pop. No ritual antropofágico de comer suas divas pop, ela anseia a transgressão ao armário. Inconscientemente, é o convite para os silenciados e as silenciadas romperem com as opressões, pois as divas são as referências dos gays para expressarem as novas formas de ser.

Dito isso, é necessário pensar além da montaria. Que narrativa traduz o processo de montaria do corpo *drag queen*? Jeffrey Cohen (2000) sinaliza para os monstros que fazem moradia nas fronteiras<sup>1</sup>. A fabricação do corpo *drag* aponta para esse caminho: a fronteira. A narrativa da fronteira é a aparência do “corpo pulsante” (SILVA, 2015, p. 27) da *drag*. É na fronteira onde o tempo e o espaço são manifestos; é lá onde pulsa o corpo *drag queen* com toda sua pujança. Ao se inserir na fronteira, surge a denúncia da instabilidade do fazer humano sobre

<sup>1</sup> Para Louro (2001), as fronteiras são o lugar social onde vivem alguns sujeitos e sujeitas. Nelas, as representações são repensadas e o tempo e o espaço são colocados a serviços de sujeitos e sujeitas que desafiam as normas estabelecidas. Atravessar fronteiras é transgredir, romper o pré-estabelecido e disputar novos espaços sociais.

si mesmo. A normalidade é provocada! O monstro ri do sujeito e nele dá cambalhotas. Do monstro não falamos a existência, mas a não existência do sujeito. Comprova-se, assim, que toda regularidade e angulosidade são deformados por natureza. É na incerteza das curvas que o sujeito se torna sujeitos outros.

A criação do corpo *drag queen* acontece na fronteira, que é sempre flutuante. É assim que a montaria denuncia a desnaturalização do gênero (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004). A fronteira flutuante que recebe o corpo *drag queen* é interdisciplinar. Ora, a interdisciplinaridade, enquanto um campo metodológico e epistemológico, pensa a ruptura dos paradigmas dominantes. Sobre isso, Morin (2001, p. 179-180) diz que “é patrulha no nevoeiro, o incerto, o confuso, o indizível, o indecisível”. Pode-se dizer que o próprio corpo *drag queen* e suas metodologias de construção são interdisciplinares, pois buscam o diálogo com o mistério. Nas palavras de Susan Sontag (1987), é uma forma sensível de fascínio e prazer; são caminhos metodológicos sempre diversos que apontam para o excesso, para a forma, para a essência, para as imagens, para os cotidianos presentes nas fronteiras.

### **A pesquisa de questões de gênero na Educação, na perspectiva da Sociologia Compreensiva**

Rigor talvez seja a palavra que mais caracteriza a emergência do pensamento epistemológico e metodológico sobre a pesquisa de questões de gênero na educação. Muitos são os sentidos atribuídos à palavra rigor, entretanto, os sentidos de exatidão, precisão e austeridade (CALDAS, 2004) compuseram a forma cartesiana das ciências exatas. Dessa compreensão de ciência surgiu o abismo e a cisão entre a racionalidade, a exatidão e o rigor, que demarcam o científico, das representações sensíveis e outras de ciências hierarquizadas e inferiorizadas, que marcam o não-científico ou uma ciência dita menor.

As ciências não-exatas, na forma das ciências sociais, são caracterizadas pela impossibilidade do rigor, pois os aspectos quantitativos são essenciais para essa dimensão científica. Os aspectos qualitativos são delegados às ciências sociais. Disso resulta que o cientificismo, mais que cindir o científico do não científico, a razão da sensibilidade – assim como outras relações antagônicas da lógica cartesiana – fragmentou os saberes e conhecimentos em áreas disciplinares e especializou ao máximo os mesmos, na tentativa de estudar o objeto

de pesquisa e estabelecer técnicas objetivas de pesquisa (ROCHA; SANTOS, 2011). O pensamento de Borges e Dalbério (2007, p. 04) evidencia tal dimensão:

A partir dessa perspectiva, a teoria positivista, como orientadora da ciência, elege como critério único da verdade aquilo que pode ser comprovado através da experiência, dos fatos visíveis e positivos [...] surge a necessidade da prova concreta, objetiva, clara, mensurável ou quantificável para que a academia científica aprove algo como uma descoberta científica. Dessa forma, o paradigma positivista conta com o apoio da estatística para que as variáveis sejam objetivamente medidas.

O distanciamento entre as ciências sociais e exatas estabeleceu as formas de compreensão sobre o conhecimento, o homem e a mulher e suas relações com o mundo. Não se tratou apenas de uma questão de técnicas e de delimitação do quantitativo e do qualitativo<sup>2</sup>, mas de como as pesquisas entendem o homem e a mulher e suas relações no mundo e quais implicações essa nova forma de compreensão gera na produção de conhecimento. Nas ciências naturais, o objeto de estudo é possível de certezas; nas ciências humanas e sociais, o homem e a mulher, sujeitos/as<sup>3</sup> inacabados/as e em constante processo de construção, não se enquadram nas certezas propostas pelas ciências naturais. Sendo assim, ele e ela são produzidos socialmente e situado/a na história e cultura (ROCHA; SANTOS, 2011):

A impossibilidade de explicar objetivamente o homem pelo modelo de investigação das ciências naturais vem lançar às ciências humanas um grande desafio: perceber e compreender o homem na sua condição inalienável de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto, produto e processo, visto que o homem não é objeto, é ser humano, e pensa-lo (pensar-se) requer ultrapassar os limites da epistemologia, conjugando ao conhecimento também as dimensões ética e estética, só possível pela via da linguagem (KRAMER, 1998, p. 21).

A pesquisa pensada a partir da perspectiva do positivismo “apaixonou-se pelos meios técnicos – óticos, físico-químicos, eletromagnéticos, etc. – da produção, da reprodução, da transmissão de imagens; mas continuou a desprezar e a ignorar o produto de suas descobertas” (DURAND, 1994, p. 10). Ela é hiper-racionalizada, dotada de técnicas e esvaziada de sentidos

<sup>2</sup> Creswell e Clark (2007) consideram os métodos mistos, ou pesquisa quanti-qualitativa/quali-quantitativa, como próprios das ciências sociais. A pesquisa em educação, por exemplo, incorpora elementos variados dos dois tipos de pesquisa. Interessante observar que Gatti (2004) pondera sobre a incompletude dos dados em si mesmo; para a autora, os sentidos dos dados emergem da interpretação do pesquisador/a. Na mesma direção, Earl Babbie (1999, p. 181) considera que “cientistas não coletam dados, criam dados”.

<sup>3</sup> Maria do Carmo Gonçalo Santos (2016), em sua tese intitulada ‘As contribuições do Currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica’, aponta que o cuidado em flexionar o termo sujeito para o feminino considera a produção de identidade/identificação. Para além da possibilidade de flexionar o gênero, é propor uma forma outra de se conceber lugares diversos de fala e visibilizá-los.

humanos. Em si mesma, a pesquisa foi raptada de um *ethos* sensível. Entretanto, ressalta Durand (1994, p. 16) que

[...] há um esforço para “reencantar” o mundo (Bezauberung) o mundo da pesquisa e seu objeto (o “social”, o “societal”), tão desencantado pelo conceptualismo e pelas dialéticas rígidas e unidimensionais dos positivismos. E esse “reencantamento” passa, antes de mais nada, pelo imaginário, lugar comum do próximo, da proximidade, do distante “selvagem”.

É o movimento sensível que tenta realizar o encontro do sujeito e do objeto em um ato singular de conhecer. Ora, o pesquisador e a pesquisadora não são neutros por si só. O seu trajeto antropológico<sup>4</sup> testemunha a riqueza de sentidos atribuídos à sua prática. Esse pesquisador e essa pesquisadora são repletos de intencionalidade: “À imagem de Deus, seu trabalho teórico – um bom exemplo é a análise – consiste em recortar, distinguir e recompor. O avatar intelectual da deidade!” (MAFFESOLI, 1998, p. 54).

Sem o encontro do pesquisador e da pesquisadora com o seu objeto, sem a desmitificação da pretensa neutralidade, a razão impera a pesquisa e corrói o sensível e a intuição. Maffesoli (1998) fala de uma compreensão a posteriori, em detrimento de uma razão a priori que é delegada à pesquisa como condição primeira de sua cientificidade. A empatia entre sujeito/a e objeto é de capital importância para pesquisa. É ela que “nos faz entrar no próprio coração de nosso objeto de estudo, vibrar com suas emoções, participar de seus afetos, compreender o complexo arabesco dos sentimentos e das interações de que ele está impregnado” (MAFFESOLI, 1998, p. 66). É assim que quem pesquisa questões de gênero na educação não pretende a objetividade absoluta e nem tem uma posição impositiva. Quem desenvolve pesquisa de questões de gênero na educação é parte integrante de um objeto de estudo que estabelece relações com um conhecimento erótico e acaba por “sensualizar o pensamento” (MAFFESOLI, 1998, p. 191).

A pesquisa realizada por alguém deve descrever os fenômenos percebidos pelo pesquisador e pela pesquisadora. Isso implica em “uma conversão do olhar: apreciar cada coisa a partir de sua própria lógica, de sua coerência subterrânea, e não de um julgamento exterior que dita o que ela deve ser” (MAFFESSOLI, 1996, p. 143-144). Esse novo olhar é dado pela intuição. O autor defende que a intuição sedimenta um “saber incorporado” (MAFFESOLI,

---

<sup>4</sup> Para Gilbert Durant (1994), o trajeto antropológico afirma um contínuo retorno simbólico sobre as raízes e representações do *sapiens* que negociam com as demandas do meio cósmico social.

1998, p. 130), manifesto em experiências ancestrais. O trabalho da intuição é, portanto, fornecer pistas dos fenômenos humanos que já foram racionalizados e teorizados.

### **A montaria do corpo *drag queen* e pesquisa de questões de gênero na educação**

A pesquisa qualitativa proporciona um encontro entre as subjetividades e aquele/aquela que investiga. Neste tipo de pesquisa emergem sentidos, significados e crenças – que dão maior segurança ao estudo – que a diferenciam da pesquisa do tipo quantitativo (LAGE, 2013).

Lage (2013, p. 51) assegura que a pesquisa, para manter o seu rigor, deve partir da “problematização, seguido pela definição do problema e do objetivo geral”. Fundamentada nessa perspectiva, este estudo foi dividido, após delimitação de seu problema e definição de objetivos, em duas partes metodológicas: a primeira exploratória, que se dedica ao estudo das pesquisas anteriormente realizadas, e em seguida, explicativa, por elaborar uma discussão centrada na matriz teórica do estudo.

Toda epistemologia esconde um ato político. Com essa afirmação, não se pretende negar o caráter filosófico das teorias do conhecimento e das formas de produção do conhecimento. Ao dizer que as epistemologias são realizações e escolhas políticas, emerge um sentido de denúncia nas narrativas que constituem o mundo e suas realidades – narrativas carregadas de símbolos e convenções, de formas e aparências, de modos de dizer as prerrogativas e premissas que se inserem nos cotidianos e moldam os sujeitos e as sujeitas. Afirmar o caráter político das epistemologias é reconhecer as formas plurais de ser, viver e se relacionar com os objetos de pesquisa.

Nenhuma epistemologia resiste à universalidade. Universalizar é padronizar modos de sentir, de perceber e conhecer. Ora, o mundo é plural e diverso, assim como a cotidianidade, o homem, a mulher e outras formas inomináveis de ser. Querer tornar as narrativas em únicas e gerais é retirar o caráter multiversalista da vida e dos acontecimentos humanos; é exorcizar a história da humanidade e reduzi-la a um fragmento que não revela a potencialidade e as formas caleidoscópica e cíclica das coisas. A universalidade é um pensamento que hierarquiza, coloniza e deturpa jeitos outros de conhecer a vida.

Algumas epistemologias se lançam na subversividade. Opondo-se à concepção de um mundo único, angular e retilíneo, algumas epistemologias optam por anunciar a pluriversalidade da vida. Acabam por intuir um mundo cheio de curvas, fora das retas e seu ato

político é problematizar as congruências das coisas. Tais epistemologias percebem que o mundo vai além do que é posto como verdadeiro e imutável e se aventuram na subversão do cotidiano.

É perigoso dizer que toda epistemologia é um ato político, que nenhuma epistemologia resiste à universalidade e que algumas epistemologias se lançam na subversividade. Talvez fosse menos perigoso ficar no armário epistemológico, parafraseando Sedgwick (2007), mas a viagem proposta por Louro (2004) é mais fascinante. Ao sair do armário epistemológico, pagamos um alto preço. Tornamo-nos estranhos/as, pervertidos/as e abjetos/as; incomodamos, subvertemos e propomos uma alternativa às alternativas epistêmicas existentes. Quem escolhe por viver este perigo recebe o estigma, a exclusão, metaforicamente poetizada na canção de Caio Prado (2014): “A placa de censura no meu rosto diz: não recomendado à sociedade, a tarja de conforto no meu corpo diz: não recomendado à sociedade”.

E quem se dedica a essa aventura, o que pretende? A transgressão epistemológica revela um novo modo de ver o mundo e seus ciclos. Rompendo com a objetividade exacerbada e com a supremacia da razão pura, a transgressão epistemológica objetiva visibilizar conhecimentos e produções de conhecimentos até então marginalizados e discutir espaços e tempos intuídos por corpos censurados. A aventura da transgressão epistemológica é pautada em descobertas individuais e por produções de sensibilidades; é assim que o sensível comunga com a razão e com ela passa a se relacionar sem ser subordinado.

Corpos que adentram o sensível reinventam a razão. Existem caminhos para essa reinvenção, claro que são caminhos plurais, metafóricos e que levam sempre ao desconhecido. São metodologias criativas e ousadas que nascem da necessidade de conduzir o viajante e a viajante às fronteiras impensáveis de suas humanidades mais ascetas. Talvez fosse melhor pensar as metodologias como epifanias entre quem pesquisa e o seu objeto de pesquisa. Dito assim, as metodologias permitem identificar no objeto de pesquisa sua organicidade, vivacidade e sensibilidade; ao pesquisador e à pesquisadora, as metodologias versam sobre suas escolhas políticas, seu trajeto antropológico e suas sensibilidades.

Haveria de existir distância entre a transgressão e subversão epistemológica e as metodologias que sustentam o/a viajante? Se houvesse distância, não haveria encontro entre pesquisador e pesquisadora e seu objeto de pesquisa. O corpo carrega intuições e faz brotar razão e sensibilidades a partir das mesmas intuições. Delas não se diz místicas, mas um exercício do pensar e do sentir (GALLO, 2003). Intuir é, portanto, escutar os saberes

incorporados (MAFFESOLI, 1998). Note: são saberes (in)corporados. O corpo é mais que matéria, é ele próprio feito de saberes. E se os corpos são diversos, assim são os saberes, suas formas de produzir conhecimento e, também, de irromper conhecimentos supostamente legitimados como superiores.

O corpo *drag queen* é um bom exemplo de como a subversão epistemológica é realizada em virtude da sua montaria. Sua montaria começa por sua contestação às normas, à não aceitação do que é posto como naturalizado: o gênero. Conhecendo o corpo normatizado, naturalizado e aceito pelas convenções sociais e culturais, a subversividade epistemológica da *drag queen* evoca a multiversalidade de corpos e formas de ser e sentir o mundo. O espaço que servia de prisão para um corpo aceito cede para a criação de um corpo conhecedor de si mesmo, de suas potencialidades e possibilidades. Se antes o corpo ocupava um lugar de fala por ser aceito ao seguir formas que não as suas, agora o corpo *drag queen* – que é em sua forma e aparência político, cultural e histórico – passa ao lugar da não-fala. A ele é destinado o silêncio, a abjeção. É o preço que se paga por transgredir epistemologias supostamente universais.

Se por um lado esse corpo é colocado em um espaço de não-fala, o mesmo acaba por construir um território sensível, estético e filosófico que resiste frente às fronteiras do saber positivista. Ele narra sobre as possibilidades de se criar corpos, identificações, cotidianos, sentidos e mundos diversos. Para além desse grito, os corpos *drag queens* constroem metodologias subversivas para enfrentar as marcas impostas sobre a pluralidade humana que tentam reduzir o homem e a mulher a construções históricas retílineas e angular suas vidas em uma moral vazia.

O território da *drag queen* é seu corpo. Nele, as intuições afloram e por meio de metodologias pensadas para problematizar as ordens, presumidamente naturais, novos afetos são criados, novas histórias e novas realidades. É um corpo que carrega mil corpos (LE BRETON, 2003) e permite o encontro do seu sujeito/da sua sujeita com seu objeto de pesquisa. Mas o que é esse objeto de pesquisa? É a vida e seus fenômenos, é a potência sensível do existir e coexistir, é a realidade do mundo das sensibilidades e da razão.

A montaria do corpo *drag queen* é uma pedagogia do corpo, dos gestos, da ilusão (SANTOS, 2012). Torna-se sua transgressão uma heurística da vida e uma hermenêutica do tempo que proclamam valores sociais, culturais e humanos capazes de respeitar a todos e todas. Essa montaria é uma cartografia que revela afetividades silenciadas e subjetividades

subalternizadas. Em sua performatividade, o corpo *drag queen* acaba por reinventar utopias (SANTOS, 2002).

Epistemologicamente e metodologicamente, a pesquisa de questões de gênero na educação, na perspectiva da Sociologia Compreensiva, converge na mesma aventura subversiva da montaria da *drag queen*. Essa pesquisa tenta inverter a lógica positivista de apenas quantificar os fenômenos e mensurá-los, desprezando suas categorias qualitativas. O mesmo rigor que se aplica às ciências exatas é pensado na pesquisa em educação por meio de escolhas metodológicas apropriadas que conduzem em caminho seguro o pesquisador ao seu objeto de pesquisa. Esse rigor se percebe na estruturação do problema e de seus objetivos, da posição política-metodológica e na escuta do objeto de pesquisa como algo orgânico.

Ora, a pesquisa de questões de gênero na educação realiza a viagem transgressiva ao propor outra visão de ciência, de mundo, de vida e de fenômenos, compreendendo-os em sua multiplicidade e rompendo com uma lógica linear de tempo e história. A pesquisa fundamentada na objetividade do positivismo acabou por hipervalorizar os meios técnicos, a produção e reprodução, assim como a transmissão de imagens (DURAND, 1994), porém acabou por se distanciar do prazer das descobertas, das releituras de mundo e da possibilidade de agir nos cotidianos.

As construções metodológicas da pesquisa de questões de gênero na educação são ocupações e intervenções políticas, culturais, filosóficas e históricas sobre o objeto de pesquisa. Sobre o objeto de pesquisa, as metodologias se lançam com escolhas e posicionamentos de mundo, por isso é ocupação política; lançam olhares e produções inventivas e contextualizadas, por isso é ocupação cultural; projetam sobre ele questionamentos sobre si mesmo, por isso se trata de ocupação filosófica; e situa o objeto de pesquisa em uma dada realidade, mostrando-lhe suas criações e seus processos, por isso mesmo é ocupação histórica. Convergem as metodologias da pesquisa de questões de gênero na educação com as metodologias da montaria do corpo *drag queen*, porque comungam e partilham de um pensamento estético, técnico, teórico e, principalmente, epistemológico. Não seria inoportuno dizer que essa convergência se dá na perspectiva transgressiva e subversiva.

As pretensões das metodologias da pesquisa de questões de gênero na educação e da montaria do corpo *drag queen* não se encerram em si mesmas, mas em seu compromisso em anunciar um mundo melhor. Essa convergência parte sempre do intuir, enquanto exercício de

desenvolvimento de ideias e da conciliação entre o sensível e a razão. Como Maffesoli (1996) mostra, a pesquisa requer uma conversão do olhar. Não haveria subversividade e transgressão epistemológica na pesquisa de questões de gênero na educação se não houvesse o retorno ao sensível.

### Considerações finais

O retorno ao sensível parece ser uma necessidade humana sempre constante. Haveria humanidade sem sensibilidades? Convém lembrar que a condição humana se assenta, também, nas sensibilidades, estas que foram hierarquizadas sob a razão e tantas vezes postas como fragilidade. O mundo sem sensibilidades torna-se completamente cheio de ângulos e suas sinuosas curvas são apagadas de todos os territórios, espaços e tempos.

As sensibilidades não são contrárias à razão; ao contrário, razão e sensibilidades podem ser complementares e horizontais. Recorrer ao sensível para novas construções racionais que atendam às demandas humanas é um desafio, uma aventura necessária na contemporaneidade, pois os discursos de ódio invadem o cotidiano com tanta veemência, mesmo após perceber que o ódio acaba por silenciar a diversidade humana e da vida.

É nesse contexto que surgiu a questão norteadora do presente artigo: quais as principais convergências epistemológicas e metodológicas que se encontram entre a montaria do corpo *drag queen* e a pesquisa de questões de gênero na educação? A montaria desse corpo revela um conhecimento singular sobre a vida e o mundo. Fala especialmente das possibilidades transitantes do vir-a-ser. Somos o que podemos e o que queremos ser, mas não é sempre assim. Espera-se que todos possam ser conforme condições estabelecidas anteriormente ao trajeto antropológico de cada homem e cada mulher. Essa montaria subverte essas condições pré-estabelecidas. Do mesmo modo, a pesquisa de questões de gênero na educação, na perspectiva da Sociologia Compreensiva, revela que as construções metodológicas e epistemológicas podem ser mais ricas quando transgridem uma objetividade fria e uma racionalidade absoluta.

Das convergências epistemológicas entre a montaria do corpo *drag queen* e da pesquisa de questões de gênero na educação se aproxima a necessidade de encontro entre o pesquisador e a pesquisadora e seu objeto de pesquisa. Essa aproximação, que desmitifica a pretensa neutralidade, faz do pesquisador e da pesquisadora um sujeito e sujeita que em seu trajeto antropológico forjam suas identificações políticas, culturais e históricas. Essas identificações

acabam por influenciar as metodologias utilizadas para conhecer o objeto de pesquisa. Ora, de igual modo, a montaria, a qual nos referimos, não dispensa uma escolha política, cultural e histórica na construção do novo corpo. Esse conhecimento é intencional e pretende lançar outro olhar sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo.

Sobre as convergências metodológicas entre a montaria do corpo *drag queen* e da pesquisa de questões de gênero na educação, elas dizem da subversividade, do retorno ao sensível e do respeito às sensibilidades e à razão. Não se concebem essas metodologias sem a intenção de encontrar um conhecimento que fora silenciado nos cotidianos e hierarquizados como inferiores. Objetivam essas construções metodológicas um rigor na produção de conhecimento, seja no corpo *drag queen* que habita as fronteiras, seja na pesquisa de questões de gênero na educação, que se lança a visibilizar a diversidade dos fenômenos.

Formas hegemônicas racionalistas do saber, sobretudo, aquelas advindas dos métodos cartesiano e positivista, acabaram por hierarquizar formas sensíveis na relação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, quando não as exorcizaram da compreensão da realidade. Não há, pois, uma forma científica universal e única capaz de amparar o trabalho do pesquisador, especialmente nas Ciências Sociais.

Para além da discussão sobre a crise paradigmática e epistemológica da ciência na contemporaneidade, a questão que importa a este trabalho é sobre a desestabilização da lógica que afasta as subjetividades do trabalho do pesquisador. Tal lógica implica em uma visão científica de um mundo estático, inerte e avesso à diversidade humana.

Nesse contexto, a questão norteadora deste artigo, a saber: “Quais as principais convergências epistemológicas e metodológicas que emergem da montaria do corpo *drag queen* e a pesquisa de questões de gênero na educação?” poderia ser pensada a partir de proposições sensíveis sobre a pesquisa e os paradigmas emergentes que consideram as subjetividades enquanto manifestações possíveis no rigor científico.

Ora, essa montaria diz respeito a um conhecimento sobre o mundo que surge no enfrentamento a formas fixas, rígidas e intransponíveis do ser no mundo. A possibilidade de transitar, de romper fronteiras e de atravessar modos diversos de ser, desestabiliza as normatizações excludentes da diversidade humana. Tal travessia é mesmo uma proposta epistemológica e metodológica sustentada e assente no reconhecimento das subjetividades no processo de construção do ser e da produção do conhecimento.

Subvertendo uma lógica racional e hegemônica sobre o ser homem e ser mulher, a montaria do corpo *drag queen* apresenta-se como proposta metodológica e epistemológica que pode influenciar a pesquisa de questões de gênero na educação. Essa, na perspectiva da Sociologia Compreensiva, acaba por também transgredir a fria e pretensa objetividade posta como condição *sine qua non* da cientificidade.

As convergências epistemológicas e metodológicas entre a montaria do corpo *drag queen* e da pesquisa de questões de gênero na educação possibilitam outro encontro entre o pesquisador e pesquisado, visto que este não é mais um objeto, mas parte ativa e constante da construção do saber.

Assim, a abertura para a diversidade do mundo implica em outros posicionamentos epistemológicos e metodológicos que sejam capazes de considerar subjetividades e sensibilidades como parte da pesquisa e que consigam problematizar outras realidades e propor outros enfrentamentos às hegemônicas formas do saber racionalizado.

## Referências

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BADIOU, Alain. **Deleuze - o clamor do Ser**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BORGES, Maria Cecília; DALBERIO, Osvaldo. Aspectos Metodológicos e Filosóficos que Orientam as Pesquisas em Educação. **Revista Iberoamerica de Educación**, n. 43, p. 5-15, julho, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael Mérida (Org.). **Sexualidades Transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria, 2002, p. 55-79.

CALDAS AULETE, Francisco Julio. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, 2004, p. 471-478.

COHEN, Jeffrey. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros**. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2007.

DURAND, Gilbert. **L'Imaginaire**. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Tradução de José Carlos de Paula Carvalho. Paris: Hatier, 1994.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GATTI, Bernadete A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, p. 19-41, jan./abr. 1998.

LAGE, Allene. **Educação e Movimentos Sociais: caminhos para uma pedagogia de luta**. Recife: EdUFPE, 2013.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, ano 9, 2º semestre, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Berthá Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Por Bernardo Soares. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRADO, Caio. Não recomendado. In: PRADO, Caio. **Variável eloquente**. Independente, 2014.

ROCHA, Annelay Peneluc; SANTOS, J. B. Pesquisa em Educação: reflexões metodológicas. **Anais... II Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação sobre Políticas Públicas e Gestão da Educação**, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar - Uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens**. 2012. 240 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2012.

SANTOS, Maria do Carmo Gonçalo. **As contribuições do currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica**. 2016. 401 f. Tese (Dourado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SEDGWICK, Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19-54, jan-jun., 2007.

SILVA, Rodrigo Souza. **Drag Queens, Montagens e Reinvenções: tecendo outras existências**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SONTAG, Susan. Notas sobre Camp. In: SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987.

---

**Recebido em:** 05/06/2019.

**Aceito em:** 30/12/2019.